

FACULDADE DE TECNOLOGIA DE SÃO CARLOS

PALOMA IARA FIRMIANO BISPO

**EMPREENDEDORISMO NEGRO NO BRASIL: SEUS DESAFIOS E
PERSPECTIVA DENTRO DO MOVIMENTO AFRODESCENDENTE**

**São Carlos
2025**

PALOMA IARA FIRMIANO BISPO

**EMPREENDEDORISMO NEGRO NO BRASIL: SEUS DESAFIOS E
PERSPECTIVA DENTRO DO MOVIMENTO AFRODESCENDENTE**

Trabalho de Graduação do tipo Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Gestão de Recursos Humanos, pelo Curso de Tecnologia em Gestão de Recursos Humanos da Faculdade de Tecnologia de São Carlos do Centro Paula Souza.

Orientador: Prof. Me. Luis Aparecido Paioli

**São Carlos
2025**

EMPREENDEDORISMO NEGRO NO BRASIL: SEUS DESAFIOS E PERSPECTIVA DENTRO DO MOVIMENTO AFRODESCENDENTE¹

Paloma Iara Firmiano Bispo¹

Luis Aparecido Paioli²

Resumo: Este estudo analisa o empreendedorismo negro no Brasil, com foco nos desafios históricos, estruturais e sociais enfrentados por essa população. Investiga também as estratégias de resistência, inovação e autoafirmação utilizadas para se estabelecer no mundo dos negócios. A pesquisa de campo envolveu entrevistas e questionários aplicados a empreendedores negros, buscando compreender os motivos que os levaram a iniciar seus negócios, as áreas de atuação predominantes, as principais dificuldades enfrentadas e as percepções sobre o apoio institucional. Os resultados indicam que a maioria busca autonomia financeira, mas enfrenta obstáculos como acesso limitado ao crédito, ausência de programas de apoio e dificuldade em estabelecer redes de contato. Os setores com maior representatividade foram bares, artesanato, lojas de roupas e lazer. Apesar dos desafios, destaca-se a resiliência e criatividade desses empreendedores como formas de fortalecer a cultura e a comunidade. Sugere-se, como perspectiva futura, o aprofundamento de estudos sobre políticas públicas de apoio e estratégias inovadoras para ampliar a representatividade negra no mercado nacional.

Palavras-chave: Empreendedorismo negro; Racismo estrutural; Políticas Públicas; Autonomia Financeira; Inclusão Produtiva.

Abstract: This study analyzes Black entrepreneurship in Brazil, focusing on the historical, structural, and social challenges faced by this population. It also explores strategies of resistance, innovation, and self-affirmation used to establish themselves in the business world. A field study was conducted through interviews and questionnaires with Black entrepreneurs to understand their motivations, predominant business sectors, main challenges, and perceptions of institutional support. Findings show that most entrepreneurs seek financial autonomy but face obstacles such as limited access to credit, lack of support programs, and difficulty in building professional networks. The most

¹Graduando no Curso de Tecnologia em Gestão Empresarial da Faculdade de Tecnologia de São Carlos - FATEC. E-mail: paloma.bispo@fatec.sp.gov.br

²Mestre em Engenharia de Produção; Docente do Programa de Graduação em Gestão de Carreira e Gestão de Conflitos no curso de Tecnologia em Gestão de Recursos Humanos – Fatec São Carlos. E-mail: luis.paioli@fatec.sp.gov.br

represented sectors were bars, handicrafts, clothing stores, and leisure activities. Despite these challenges, the resilience and creativity of Black entrepreneurs stand out as a means to strengthen cultural and Community ties. Future research should explore how public policies can better support these entrepreneurs and develop innovative approaches to expand Black representation in the national market.

Keywords: Black entrepreneurship; Structural racism; Public policies; Financial autonomy; Productive inclusion.

1 INTRODUÇÃO

O empreendedorismo tem se mostrado, para muitos brasileiros negros, uma estratégia de enfrentamento diante da exclusão histórica imposta pelo racismo estrutural, ainda presente mais de 137 anos após a abolição oficial da escravidão. Dados do DIEESE (2024) apontam que a persistente desigualdade racial e de gênero é evidente no mercado de trabalho, com cerca de 10,1% das mulheres negras desempregadas, uma taxa 3,4 pontos percentuais superior à de mulheres não negras. Similarmente, homens negros (6,3%) superam em 1,7 pontos percentuais os homens não negros. Além disso, a desigualdade se perpetua nos negócios: Sena (2021) aponta que, embora negros representem a maioria dos empreendedores, os brancos detêm maior formalização e rendimento médio. Tais obstáculos revelam como o acesso ao capital, às redes de contato e às políticas públicas é barrado pelo sistema. Nesse contexto, a pesquisa se propõe a responder: Quais são os principais desafios estruturais e as perspectivas de resistência e crescimento do empreendedorismo negro no Brasil, especialmente no contexto do movimento afrodescendente?

Para analisar as barreiras impostas a essa população, este trabalho se ancora no conceito de Racismo Estrutural, compreendido como a normalização das desigualdades que se manifesta nas relações políticas, econômicas e sociais. Conforme Almeida (2019, p. 55) afirma, "o racismo é parte da estrutura social", o que explica a exclusão e a dificuldade de acesso a crédito e redes de contato que afetam os empreendedores. O objetivo geral deste estudo é investigar os desafios e as estratégias de resistência do afroempreendedorismo no Brasil. Para tanto, buscam-se: a) Analisar os motivos que levam os indivíduos a empreenderem; b) Identificar os setores de atuação e as principais dificuldades enfrentadas; e c) Refletir sobre como políticas públicas e o fortalecimento de redes de apoio podem fomentar um ambiente de negócios mais justo e inclusivo. O empreendedorismo negro, nesse cenário, emerge não apenas como um instrumento de

equidade econômica, mas também de resistência e valorização identitária, fortalecendo a cultura e a comunidade.

A metodologia adotada para este estudo é de natureza qualitativa, com caráter exploratório. A pesquisa de campo envolveu a aplicação de entrevistas e questionários junto a empreendedores negros, buscando apreender suas experiências, motivações e percepções. O trabalho está organizado em 5 capítulos, além da Introdução e Considerações Finais. O Capítulo I apresenta a Fundamentação Teórica sobre empreendedorismo negro e racismo estrutural; o Capítulo II detalha a Metodologia da pesquisa de campo; e o Capítulo III expõe a Análise e Discussão dos Resultados, com foco nos desafios e nas perspectivas positivas, como o fortalecimento das redes de apoio e a representatividade. Por fim, as Considerações Finais resumizam as descobertas e propõem sugestões para estudos futuros.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O Empreendedorismo Negro: Da sobrevivência à Autonomia Financeira

O empreendedorismo é, em sua essência, a capacidade de inovar e desenvolver novos negócios. No entanto, para a população negra no Brasil, este conceito adquire uma dupla dimensão, sendo frequentemente impulsionado pela necessidade de sobrevivência, em vez da simples oportunidade de mercado. A exclusão histórica e o acesso limitado a empregos formais de alta remuneração levam muitos indivíduos negros a empreenderem como principal, ou única, via para a autonomia financeira e inclusão produtiva, conforme demonstrado pelos dados de desigualdade do mercado de trabalho (DIEESE, 2024).

Nesse contexto, surge o conceito de Afroempreendedorismo, que vai além da busca por lucro. Trata-se de uma prática que não apenas gera renda, mas também se enraíza na valorização da ancestralidade e no desenvolvimento comunitário. O empreendedorismo negro no Brasil não serve apenas como uma forma de alcançar autonomia financeira. Ele exerce um papel de reparação histórica por meio da resistência, contribuindo diretamente com a cultura e a comunidade através de seus produtos e serviços. Como afirmam Silva e Pinheiro (2022), trata-se de uma prática que emerge da necessidade de romper com estruturas que excluem e invisibilizam, reafirmando identidades e reconstruindo narrativas sociais.

Essa característica de reafirmação identitária transforma o ato de empreender em um gesto político. Iniciativas voltadas à economia criativa e à cultura afro-brasileira demonstram como a criação de um negócio é também uma estratégia para fortalecer a autoestima, promover a representatividade e combater a estética e a narrativa hegemônica branca no mercado. É, portanto, um motor de transformação social que utiliza a base econômica para impulsionar a cultura e a coletividade (PretaHub, 2023).

2.2 O Racismo Estrutural como barreira para o Negócio Negro

Se o afroempreendedorismo se estabelece como um mecanismo de resistência e autonomia, seus desafios, conforme evidenciado na literatura e em pesquisas estatísticas, são profundamente enraizados no panorama socioeconômico brasileiro. O obstáculo central para o desenvolvimento pleno dos negócios negros reside no racismo estrutural, que transcende atitudes individuais e se manifesta na organização da sociedade.

A conceituação de Racismo Estrutural por Almeida (2019) é fundamental para a análise das barreiras enfrentadas. Segundo o autor (2019, p. 55), "o racismo é parte da estrutura social", o que significa que ele está intrinsecamente ligado às relações econômicas, políticas e jurídicas do país, não sendo um mero desvio de conduta. Essa estrutura normaliza a exclusão e a desigualdade, afetando diretamente a capacidade de crescimento dos empreendedores negros.

Na prática, o racismo estrutural se traduz em desafios concretos no ambiente de negócios, sendo o mais evidente o Racismo Econômico. Este se manifesta principalmente no acesso a capital e investimento. Empreendedores negros enfrentam taxas de recusa de crédito superiores e menor capital inicial em comparação a empreendedores brancos, limitando sua capacidade de formalização, inovação e expansão. Além disso, as dificuldades se estendem à construção de Capital Social (Bourdieu, 1986). A ausência histórica de negros em posições de liderança e em redes de *networking* influentes dificulta o estabelecimento de parcerias estratégicas e o acesso a informações privilegiadas de mercado, essenciais para o desenvolvimento de qualquer empreendimento.

Portanto, a resiliência e a criatividade do empreendedor negro, embora notáveis, são constantemente exigidas para superar barreiras invisíveis e institucionais que não afetam outros grupos com a mesma intensidade.

2.3 Desafios de Gênero, Políticas Públicas e Inclusão

A análise do empreendedorismo negro não pode ser dissociada da lente de gênero, dada a interseção do racismo e do machismo no Brasil. As mulheres negras empreendedoras enfrentam uma camada adicional de obstáculos que se manifestam em maior informalidade, menor rendimento e maior exclusão previdenciária em relação a todos os outros grupos raciais e de gênero (DIEESE, 2024). Essa realidade é um reflexo direto da cultura patriarcal e racista, que historicamente coloca as mulheres negras na base da pirâmide socioeconômica e limita seu acesso a capital e oportunidades de crescimento.

Apesar de avanços em políticas de inclusão, como as cotas raciais, essas medidas ainda são insuficientes para reverter a totalidade das desigualdades. A exclusão atinge de forma aguda parcelas da população com menor representação estatística e visibilidade política. É o caso, por exemplo, de grupos tradicionais como os quilombolas. A exclusão estatística desses grupos compromete a formulação de políticas públicas eficazes, especialmente quanto ao acesso ao crédito e à inclusão produtiva (Souza et al., 2022).

Portanto, o desafio de fomentar o empreendedorismo negro exige uma intervenção estatal robusta, focada em Políticas Públicas que sejam racial e socialmente sensíveis. Tais políticas devem ir além da oferta básica de microcrédito, abrangendo:

- **Programas de capacitação** específicos que levem em conta o capital social reduzido.
- **Mecanismos de fomento à formalização e à Inclusão Produtiva** de forma simplificada.
- **Incentivo à criação de redes de apoio e *networking*** afrocentradas, reconhecendo que a coletividade e a ancestralidade são fontes de força e capital social para esses empreendimentos.

Dessa forma, o desenvolvimento do empreendedorismo negro passa pela compreensão de suas múltiplas exclusões e pela criação de um ecossistema que não apenas reconheça, mas ativamente valorize, a resiliência, a criatividade e o potencial transformador desse movimento no mercado nacional.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo adota uma abordagem de natureza qualitativa, uma vez que buscou aprofundar a compreensão das experiências, motivações e percepções dos sujeitos do estudo, sem se concentrar apenas em dados quantificáveis (Minayo, 2017). Quanto aos objetivos, a pesquisa possui caráter exploratório-descritivo. É exploratória por visar familiarizar o pesquisador com o fenômeno do empreendedorismo negro e seus desafios, e descritiva por detalhar as características dos empreendedores e seus setores de atuação (Gil, 2017).

O universo de pesquisa foi composto por empreendedores negros atuantes em diferentes setores da economia. A definição da amostra foi realizada por amostragem intencional (ou não probabilística), selecionada de acordo com o julgamento do pesquisador (Gil, 2017). Os critérios de inclusão foram: autodeclaração racial (preta ou parda), tempo de atuação no mercado (mínimo de 2 anos). Foram entrevistados no total cerca de 20 empreendedores negros atuantes da região de São Carlos.

Para a coleta de dados primários, foi utilizada a entrevista semiestruturada, que combina perguntas abertas e fechadas, permitindo a flexibilidade necessária para explorar as narrativas individuais e as percepções dos participantes (Flick, 2009). As entrevistas tiveram duração média de 45 minutos, foram gravadas com autorização e mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e posteriormente transcritas. Adicionalmente, foram utilizados dados secundários provenientes de fontes oficiais e consolidadas, como DIEESE, IBGE e Sebrae. A triangulação entre dados primários e secundários fortaleceu a validade e a profundidade da análise.

Após a transcrição, o material foi submetido à Análise de Conteúdo (Bardin, 2011). Este método permitiu a sistematização e a descrição dos dados por meio da identificação de categorias temáticas, tais como "Motivação para Empreender", "Barreiras de Acesso a Crédito" e "Redes de Apoio". A análise buscou não apenas quantificar a frequência de certos temas, mas, principalmente, interpretar o significado e o contexto das falas dos empreendedores.

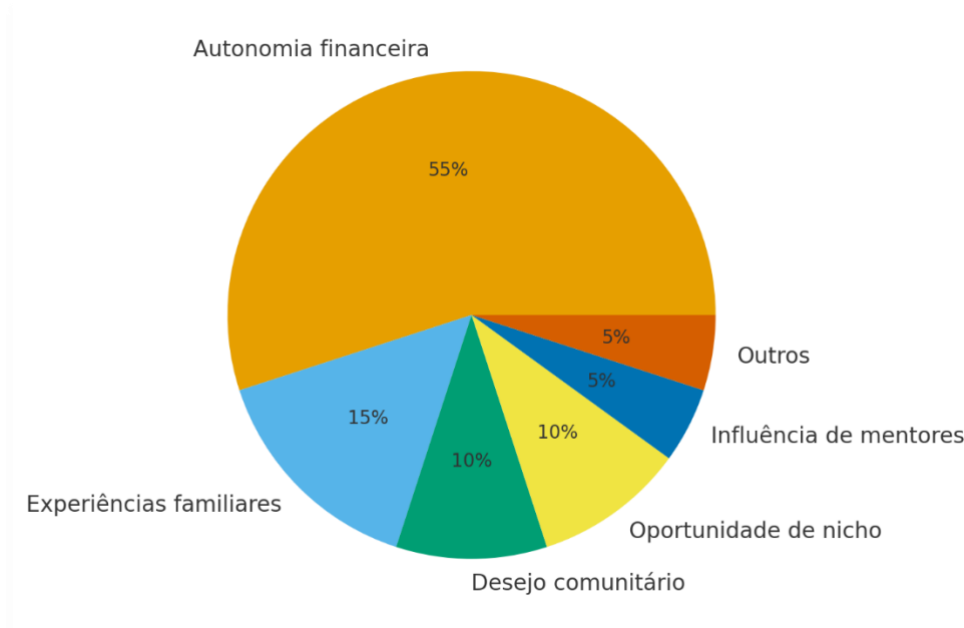
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa de campo teve como objetivo compreender os principais fatores que motivam o surgimento do afroempreendedorismo, bem como identificar os desafios enfrentados e formas de apoios consideradas essenciais para a manutenção dos negócios. Os dados levantados oferecem elementos relevantes para refletir sobre a autonomia

financeira, o papel da identidade na construção dos negócios próprios e a relação do empreendedor negro com o mercado.

O instrumento de coleta utilizado foi um formulário online, elaborado por meio da plataforma Google Forms, e respondidos por 20 empreendedores. Do total, 10 se declaram do gênero masculino e 10 do gênero feminino, resultando em uma amostra equilibrada entre os gêneros. A faixa etária predominante foi entre 49 e 59 anos, indicando um público com maior maturidade e experiência de vida. Quanto ao turno de trabalho, destacou-se o período integral, seguido pelo vespertino. Esse perfil é relevante para a análise, pois, conforme afirmam Silva e Pinheiro (2022), aspectos como a idade, tempo disponível e vivências pessoais influenciam na tomada de decisão empreendedora e o modo como cada indivíduo enfrenta barreiras estruturais presentes no mercado.

Gráfico 1 – Motivos principais para o início do empreendimento



Fonte: Elaborado pela Autora (2025)

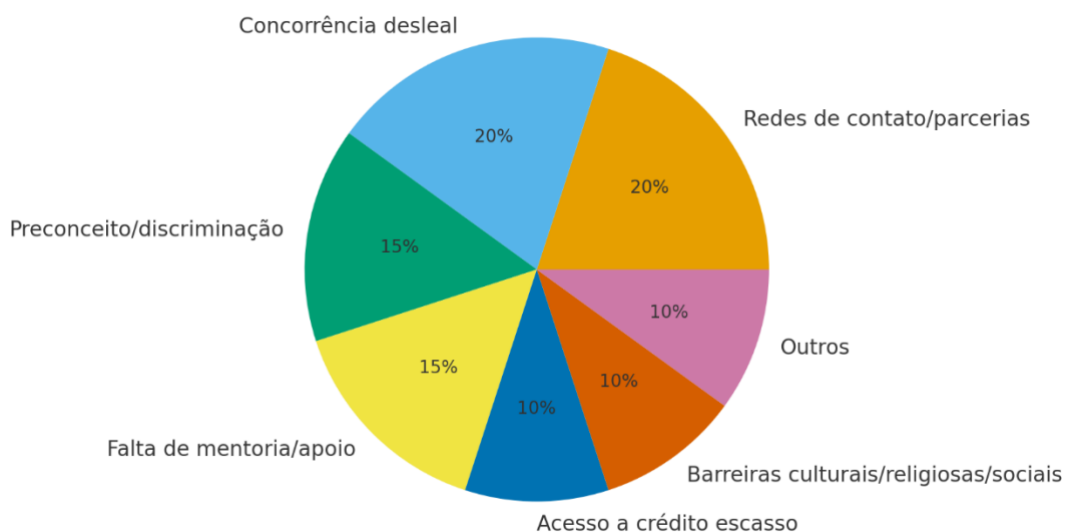
O Gráfico 1 evidencia os principais fatores que motivaram o início dos empreendimentos analisados. Observa-se que 55% dos respondentes afirmaram ter iniciado o próprio negócio pela necessidade de alcançar autonomia financeira, evidenciando que o empreendedorismo continua sendo um caminho relevante para geração de renda e estabilidade. Outros 15% apontaram influência de experiências familiares positivas com o empreendedorismo, o que demonstra o papel da vivência e do

exemplo dentro do ambiente doméstico. Já 10% iniciaram com o propósito de atender demandas sociais da comunidade onde vivem, enquanto 10% relataram que perceberam uma oportunidade em nichos de mercado ainda pouco explorados. Apenas 5% indicaram inspiração de mentores ou referências pessoais, e 5% declararam outros fatores.

Esses resultados revelam que, para uma parcela significativa dos participantes, empreender não foi apenas escolha, mas uma alternativa diante das dificuldades de inserção e permanência no mercado formal. A busca por autonomia financeira reforça análises como as de Silva e Pinheiro (2022), que destacam o afroempreendedorismo como ferramenta de sobrevivência econômica e construção de identidade profissional. Além disso, os dados também mostram dimensões sociais do negócio, já que parte dos entrevistados enxerga no empreendimento uma forma de contribuir com a própria comunidade.

Assim, a análise demonstra que o ato de empreender vai além do retorno financeiro. Ele envolve pertencimento, fortalecimento da autoestima, projeções de futuro e construção de novas possibilidades para pessoas que, historicamente, enfrentam barreiras no mercado de trabalho.

Gráfico 2 – Principais barreiras enfrentadas pelos empreendedores



Fonte: Elaborado pela Autora (2025)

O Gráfico 2 demonstra que os afro empreendedores enfrentam barreiras que vão além das dificuldades financeiras comuns ao processo de abertura e manutenção de um negócio. Observa-se que 20% dos participantes afirmaram ter dificuldade em estabelecer

redes de contato e parcerias, elemento essencial para ampliar visibilidade e competitividade no mercado. O mesmo percentual também destacou a concorrência desleal como um dos principais desafios, indicando desigualdade de oportunidades e limitação de acesso a recursos estratégicos.

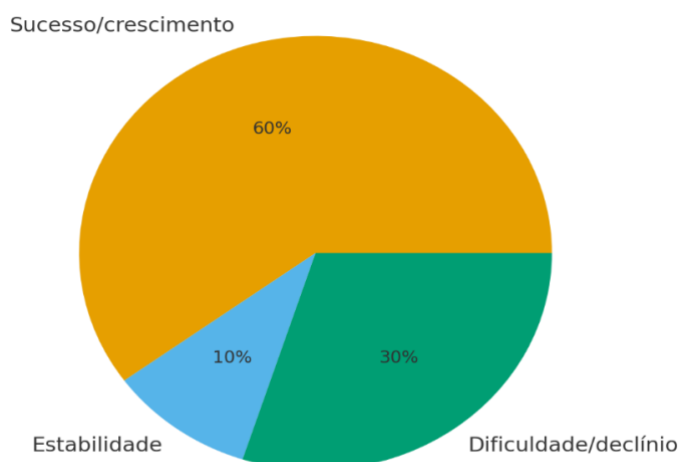
Além disso, 15% dos entrevistados relataram vivenciar situações de preconceito e discriminação, evidenciando que fatores raciais permanecem influenciando o desempenho profissional e a estabilidade dos negócios. Outros 15% apontaram a falta de apoio ou mentoria, mostrando ausência de programas estruturados de capacitação e orientação técnica. Já o acesso a crédito e financiamento foi apontado por 10% dos participantes, seguido por 10% que mencionaram barreiras culturais, religiosas e sociais, e outros 10% que citaram diferentes fatores.

Entre os principais fatores apontados como geradores de estresse destacam-se: a falta de recursos adequados para o desempenho das atividades, os conflitos interpessoais, os prazos curtos e a carga horária excessiva. Esses elementos, quando somados, intensificam a sobrecarga emocional e ampliam o risco de desgaste físico e psicológico.

De forma mais ampla, os resultados demonstram que as barreiras identificadas afetam diretamente o desenvolvimento dos empreendimentos, pois envolvem tanto limitações estruturais quanto sociais. Ao somar os percentuais, observa-se que parte significativa dos desafios está relacionada à ausência de suporte técnico e institucional, além da discriminação e da concorrência desigual. Esses achados corroboram a análise de Almeida (2019), ao destacar que o racismo estrutural e a falta de políticas inclusivas dificultam o acesso a oportunidades, financiamento e redes de cooperação, tornando o crescimento dos negócios negros mais lento e vulnerável.

Nesse sentido, os dados reforçam a necessidade de ampliar políticas de incentivo e capacitação, garantindo acesso a redes de apoio, financiamento e programas de fortalecimento empresarial, uma vez que a ausência desses recursos limita o crescimento e torna os empreendimentos negros mais suscetíveis à instabilidade no mercado (Oliveira; Santos, 2021).

Gráfico 3 – Percepção do desempenho do empreendimento



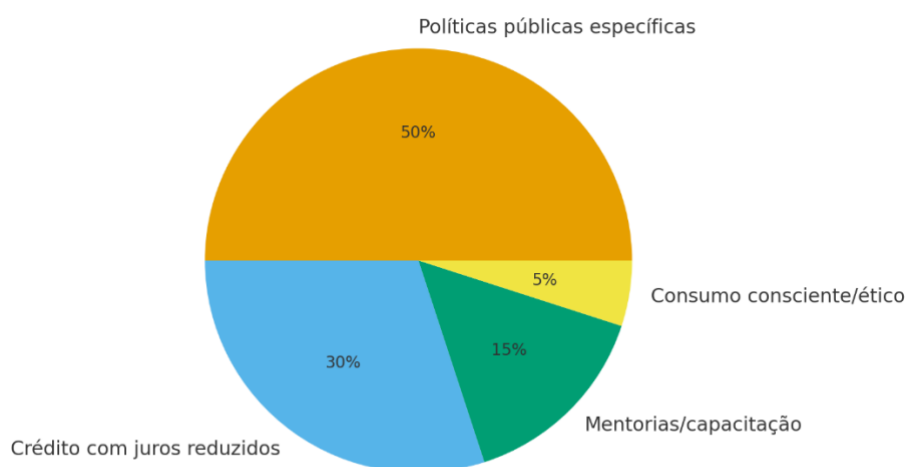
Fonte: Elaborado pela Autora (2025)

O Gráfico 3 revela que o desempenho dos empreendimentos apresenta resultados diversos: 60% dos participantes afirmaram ter alcançado crescimento ou melhorias no negócio, indicando que o afroempreendedorismo tem se consolidado como alternativa viável de renda e autonomia financeira. Já 30% relataram enfrentar dificuldades ou declínio, sugerindo que fatores como limitação de recursos, falta de apoio e barreiras estruturais ainda dificultam a manutenção das atividades. Apenas 10% afirmaram manter estabilidade, sem avanços significativos.

Esses dados mostram que, embora a maioria tenha obtido resultados positivos, os desafios ainda se apresentam de forma significativa, o que reforça a fragilidade de muitos negócios no início de funcionamento. Entre os fatores mais associados à queda de desempenho estão a escassez de crédito, a competição desigual e a ausência de suporte técnico, que dificultam a ampliação do negócio e a fidelização de clientes. Esse cenário reflete a desigualdade no acesso a oportunidades e evidencia que o sucesso do empreendimento depende tanto do esforço individual quanto das condições sociais e econômicas que o cercam (Vieira; Souza, 2021).

A presença de 40% de respondentes que indicaram estabilidade ou declínio demonstra a necessidade de políticas públicas e programas de capacitação específicos para afro empreendedores, uma vez que o fortalecimento estrutural reduz riscos e amplia as possibilidades de crescimento, conforme apontam Rodrigues e Melo (2022).

Gráfico 4 – Tipo de apoio mais desejado pelos empreendedores



Fonte: Elaborado pela Autora (2025)

O Gráfico 4 demonstra que grande parte dos participantes considera indispensável a implementação de políticas públicas específicas voltadas ao afroempreendedorismo, sendo essa a alternativa apontada por 50% dos entrevistados. Os dados indicam que a criação de programas de incentivo e legislação voltada ao fortalecimento desses negócios é percebida como caminho fundamental para garantir acesso a oportunidades e reduzir desigualdades no mercado. Além disso, 30% afirmaram que o crédito com juros reduzidos seria essencial para ampliar investimentos, melhorar a estrutura física e aumentar a capacidade de produção.

O levantamento evidencia também que 15% dos participantes destacaram a necessidade de mentorias e capacitação, reforçando a importância do acesso ao conhecimento técnico, orientações de gestão e formação empreendedora. Por fim, 5% mencionaram o incentivo ao consumo consciente e ético, demonstrando preocupação com a valorização de negócios negros por parte dos consumidores. Essa distribuição mostra que a consolidação dos empreendimentos está diretamente relacionada ao suporte institucional e às políticas de incentivo econômico (Almeida; Castro, 2021).

Dessa forma, os resultados apontam para a necessidade de estratégias governamentais e privadas que ampliem as condições de competitividade dos afro empreendedores, garantindo acesso a crédito, formação profissional e redes de apoio. Além de favorecer o crescimento econômico, tais iniciativas contribuem para a redução

das desigualdades e para a sustentabilidade dos negócios no longo prazo (Rodrigues; Silva, 2020).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa evidenciou que o afroempreendedorismo é, ao mesmo tempo, uma alternativa de autonomia financeira e uma forma de resistência diante das desigualdades raciais presentes no mercado brasileiro. Os resultados apontaram que os empreendedores negros ainda enfrentam barreiras como falta de crédito, ausência de políticas públicas e dificuldade em estabelecer redes de apoio, o que confirma a influência do racismo estrutural nas relações econômicas (Almeida, 2019).

Mesmo assim, grande parte dos participantes relatou crescimento ou estabilidade, demonstrando que o afroempreendedorismo possui potencial de fortalecimento social, geração de renda e valorização identitária. A troca de experiências, o apoio comunitário e a construção de redes colaborativas aparecem como fatores decisivos para a superação dos desafios, como apontam Silva e Pinheiro (2022).

Como limitação, destaca-se o recorte territorial e o número reduzido de participantes, indicando a necessidade de estudos futuros que ampliem a análise e investiguem o impacto direto de políticas de incentivo ao empreendedorismo negro. Conclui-se que fortalecer esses negócios significa promover inclusão, justiça social e novas oportunidades, contribuindo para uma sociedade mais plural e igualitária.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lucilene Ribeiro; CASTRO, Fernando César de. O empreendedorismo negro como alternativa no enfrentamento da desigualdade racial no Brasil. Revista de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia – REIT, v. 1, n. 2, p. 119-138, 2021.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo Estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2011.

BOURDIEU, Pierre. The forms of capital. In: RICHARDSON, J. G. (Ed.). Handbook of theory and research for the sociology of education. New York: Greenwood, 1986. p. 241-258.

- DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. Infográfico da distribuição do mercado de trabalho entre pessoas negras e não negras.** 2024. Disponível em: <https://www.dieese.org.br>. Acesso em: 28 ago. 2025.
- FLICK, Uwe. Introdução à pesquisa qualitativa.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2017.
- OLIVEIRA, Tatiane Cristina; SANTOS, Aline Cristina dos. Empreendedorismo negro no Brasil: desafios e perspectivas.** Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 7, n. 11, p. 574-585, 2021.
- PRETAHUB. O Brasil Negro: consumo e empreendedorismo.** Relatório de pesquisa. São Paulo: Instituto Feira Preta, 2023. Disponível em: <https://pretahub.com/o-brasil-negro-consumo-e-empreendedorismo>. Acesso em: 28 out. 2025.
- RODRIGUES, Natália dos Santos; MELO, Patrícia Maria da Silva. O afro empreendedorismo como estratégia de resistência e empoderamento feminino.** Revista de Gestão e Projetos, v. 13, n. 2, e3008, 2022.
- RODRIGUES, N. S.; SILVA, F. S. Empreendedorismo Negro: Empoderamento, Identidade e Nicho de Mercado.** In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 44., 2020, Maringá. Anais [...]. Maringá: ANPAD, 2020.
- SENA, Lucas. Mercado e equidade: o empreendedorismo negro no Brasil.** Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade de Brasília, Faculdade de Direito, Brasília, DF, 2021.
- SILVA, Geruza de Fátima Tomé; PINHEIRO, Daniel Calbino. Empreendedorismo negro brasileiro: tensões e limites à luz da inclusão econômica e social.** Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo – RELISE, v. 7, n. especial, p. 39–55, maio 2022.
- SOUZA, Pedro G. F. de et al. A inclusão produtiva como eixo de política pública de combate à pobreza e redução das desigualdades: contexto latino-americano e questões para a realidade brasileira.** Brasília: IPEA, 22 jul. 2022. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/11267/1/TD_2770.pdf. Acesso em: 28 out. 2025.
- VIEIRA, Rafael Diniz; SOUZA, André Ricardo de. Experiências de empreendedores negros em startups: um estudo exploratório.** Revistas UNIFACS, v. 23, n. 2, p. 251-274, 2021.